

«QUEIXAS» E REPREENSÕES DA «PERALTICE». FOLHETOS DE SÁTIRA E APOLOGIA DA MODA NO PORTUGAL DE SETECENTOS

PEDRO VILAS-BOAS TAVARES
UNIVERSIDAD DO PORTO - CITCEM
ptvares@letras.up.pt

RESUMEN: Fornecendo abundante amostragem urbana, neste artigo, usando folhetos de cordel, reconstituem-se recorrentes factores sócio-culturais e ideo-mentais, implícitos ou patentes na difusão da moda (masculina e feminina) na segunda metade do século XVIII e finais de Antigo-Regime, dando-se outrossim conta das coevas satirização e problematização crítica de tais fenómenos.

PALAVRAS-CHAVE: Sociabilidades, Modas, Sátira, Folhetos de cordel, «Pragmáticas», «Peralta», «França», «Estravagância», «Criação», «Gosto».

ABSTRACT: Providing abundant urban sampling, this article, using cordel brochures, recurrent socio-cultural and ideo-mental factors are reconstituted, implied or patented in fashion diffusion (male and female) in the second half of the eighteenth century and end of the Old Regime, giving likewise account of contemporary satire and critical questioning of such phenomena.

KEY-WORDS: Sociabilities, Fashions, Satire, Cordel Brochures, «Pragmatics», «Dandy», «France», «Extravagance», «Creation», «Taste».

*Quem avalia as coisas pelo que elas são e não pelo que delas dizem
ou pela estima que delas têm os homens,
esse é verdadeiramente sábio (Tomás de Kempis)*

1. É meter-se em mar imenso, rico mas encapelado e cheio de riscos, abordar no curto espaço de breves minutos questões da moda em Setecentos, ainda que deliberadamente circunscrevendo-nos à segunda metade da centúria¹. Temos todavia fortes estímulos, apoios e adjutórios²...

¹ Referência à comunicação apresentada no Porto, na Fundação Eng.º António de Almeida, pelo autor, como orador convidado, à *1st Internacional Conference «Global Fashion: Creative and Innovative Contexts»*, de cuja reelaboração/refundição resulta o presente texto.

² Como mais recente estudo nesta matéria, vide MOURA, Isabel Cristina Silva da Costa – *Moda em Cordel*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010 (99 p. + CIX). Dissertação de mestrado. Boa parte dos textos por nós doravante citados consta da interessante *Antologia* apresentada nesta dissertação de mestrado, cujos méritos tivemos o gosto de apreciar em primeira mão... Entre outra bibliografia de referência, remeteremos, necessariamente, para SANTOS, Maria José Moutinho – *O Luxo e as Modas em Textos de Cordel da Segunda Metade do Séc. XVIII*. Separata da «Revista de História». Porto: Centro de História da Universidade do Porto. Vol. IX (1989), p. 137-164, e para NORTON, Marta Pinhal Neves Salazar – *Espelho*

Como é sabido os *peraltas* e as *franças* ou *sécias* são conhecidos tipos sociais epocais, tratados por uma variada e desigual bibliografia, atenta sobretudo ao pitoresco, principalmente desde o momento em que Oliveira Martins, em registo decadentista, consagrou a essa sociedade, alegadamente em decomposição, mas na realidade estuante de vida, impressivas páginas³.

Faremos, ao menos, por evitar o escolho dos lugares comuns, e por dar a palavra aos contemporâneos, «aos seus grupos de sociabilidades multifuncionais ou não especializadas»⁴, recorrendo a uma fonte ainda pouco ou insuficientemente explorada: os folhetos de cordel. Como se sabe, estes papéis, apresentados geralmente de forma anónima, mas patenteando punho culto por parte dos seus autores⁵, tiveram bastante circulação em meio urbano, sobretudo em Lisboa, naturalmente, centro principal de impressão e venda, gerando apreciáveis receitas. Entre outros locais, vendiam-se tais «folhinhas» junto ao Rossio, no Arsenal ou numa das arcadas da Praça do Comércio, daí irradiando pelo país, ao ritmo das feiras e à proporção da sua barateza e fácil transporte⁶. Muito frequentemente, na segunda metade de Setecentos, encontramos nos folhetos indicações de venda nas próprias casas impressoras que os publicavam, ou a publicação de lojas e de outros locais de venda, de mercadores de livros e cegos papelistas⁷.

Valerá a pena lembrar ainda que vinham desde D. Fernando as primeiras disposições para limitar gastos exagerados em vestuário, supondo importação de produtos importados, numa lógica observada pelos monarcas do século XV, mas esquecida «pelos sucessores imediatos de D. Manuel». No sentido de incrementar a «introdução» e o progresso das «artes»/manufacturas no Reino, ao longo de Seiscentos e, particularmente, durante a Restauração, esta questão ganhou, como se sabe, a maior acuidade, e, entre 1668 e 1750, D. Pedro II e D. João V «resolveram refrear os excessos do luxo que consideravam lesivos da

de Vaidades: O Peralta e a Moda na Literatura de Cordel Portuguesa (1781-1789). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000. Dissertação de mestrado em Estudos Brasileiros e Portugueses.

³ *História de Portugal*. Lisboa: Bertrand, 1879, tomo II, p. 170-171.

⁴ Sobre este conceito cf. NORTON, Marta Pinhal Neves Salazar – *Espelho de Vaidades: O Peralta e a Moda na Literatura de Cordel Portuguesa (1781-1789)*. Ob. cit., p. 170, remetendo para LOUSADA, Maria Alexandra – *Espaços de Sociabilidade em Lisboa: Finais do Séc. XVIII a 1834*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1995. Dissertação de doutoramento em Geografia Humana.

⁵ BARATA, José Oliveira – *História do Teatro Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991, p. 249.

⁶ Cf. v.g. PINA MARTINS, J.V. – *Literatura de Cordel*. In *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa: Verbo, s/d, vol. 5, cols. 1372-1374.

⁷ Cf. SANTOS, Maria José Moutinho – *O Luxo e as Modas em Textos de Cordel da Segunda Metade do Séc. XVIII*. Art. cit., p. 138-139, com a determinação/exemplificação concreta destes locais em Lisboa. Esta constatação/registo pode ser alargada, nomeadamente, com a consulta de catálogos como aquele que, benemeritamente, SARAIVA, Arnaldo – *Folhetos de Cordel e outros da minha coleção*. Porto: Biblioteca Municipal Almeida Garrett, 2006, organizou.

balança comercial do País»⁸.

Deste modo, não admira encontrarmos nas sátiras da segunda metade do século XVIII referências às recorrentes e pouco eficazes pragmáticas, disposições com que os monarcas, não apenas tentavam ordenar socialmente os usos e práticas sumptuárias, mas também e sobretudo, com que procuravam implementar o protecçãoismo mercantilista à produção nacional. Sempre em atitude de aplauso, naturalmente.

Em 1749, no termo portanto do reinado de D. João V, promulgara-se uma *pragmática* contra as «superfluidades do luxo» e «excessos» que se tinham introduzido no Reino, alegadamente em prejuízo dos portugueses. Respeitava, nomeadamente, ao uso de rendas, bordados e sedas nos vestidos e enfeites pessoais, como em lenços, toalhas, lençóis e outras alfaias: o seu uso era apenas permitido no caso de serem fabricadas no Reino, e autorizava-se a importação de sedas lisas, de veludos ou de damascos de uma só cor, e de todos os tecidos de sedas orientais, quando transportados em navios portugueses. Pouco depois proibia-se a importação de carruagens e móveis de uso doméstico, e era igualmente proibido o uso de panos estrangeiros na confecção de librés, disposições que, por colidirem com o estipulado no tratado de Methuen, não entraram imediatamente em vigor, exigindo a redacção de uma nova *pragmática*, promulgada em 1751, para tais proibições poderem entrar em execução⁹.

2. Assim, impresso nessa data, circulou em Lisboa um jocoso *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites e adornos fez uma França, por causa da Nova Pragmatica*¹⁰.



⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal*. Lisboa, Verbo, 1980, volume V, p. 363

⁹ FERREIRA, Maria Emília Cordeiro – *Pragmáticas*. In *Dicionário de História de Portugal*. Dir. de Joel Serrão. Porto: Iniciativas Editoriais, 1978, vol. VI, p. 486.

¹⁰ *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites e adornos fez uma França, por causa da Nova Pragmatica, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em Religião, repartindo primeiro pelos Conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, Como nelle pôde ver o fleumático Leitor*. Cataluna: En la Empr. de Francisco Guevarz, Año de 1751.

O anónimo autor imaginou que uma «garrida» mulher, desenganada do Mundo, resolveu finalmente «reformar-se, deixar o Mundo e entrar em Religião», não sem antes, em testamento, repartir pelos conventos de Lisboa, masculinos e femininos, legados com os seus despojos mundanos (roupa branca, meias bordadas, pedras, saias, espartilhos, peitilhos, fitas, perfumes, sinais do rosto, etc.), vinculados a condições de sufrágio por sua alma. Como é evidente, de um só passo faz-se a reconstituição caricatural e moralista de um estereótipo feminino – a *França* – alegadamente vivendo ao sabor de sugestões da moda de além-Pirinéus, e uma sátira bastante ridicularizadora e descarada ao teor da vida religiosa da capital.

Tudo previsível e de acordo com fontes convergentes na caracterização desta mulher-tipo: as idas à igreja, missas, sermões, novenas tudo eram pretextos, «cobiça / Somente de que algum [seu] galan visse / E toda a sécia, a [sua] bandarrice / Que aos amantes servia / De provocar a sua idolatria». Então, «Tratava só de andar desvanecida, / Vendo havia de ser tão curta a vida / Lembrava[-se] cuidar na compostura, / Sem nunca [se] lembrar da sepultura». O contraste entre as carências de dentro de casa e as aparências estadeadas fora de casa são tópicos tradicionais na sátira social portuguesa, e que neste caso ajudam o autor a sublinhar a oportunidade e bondade da «nova pragmática» publicada:

Na rua só mostrava os aparatos, / E a minha casa tão falta de ornatos; / Na rua mostrava só o luzimento, / E a minha casa falta de alimento. / De que me aproveitavam tantos fastos, / Causando a meus pais tamanhos gastos? / Talvez sendolhe acredores / Tendeiros da Capella e Mercadores, / Trabalhando noite e dia, / Para manter a minha Francesia, / Sem me causar abalo / Dar-me a barriga às vezes hum estalo. / A Pragmatica já me não espanta, / Antes já me parece boa e santa, / Porque a todos acode / A não gastar ninguém mais do que pode: / E já com ella as Françaes Portuguezas / Não fazem a seus pais tantas despezas / Em galoens, tissus, rendas de ouro e prata, / Em que se consumia / Tanta riqueza que no Reino havia, / Assim que fica sendo a tal Pragmatica / Remedio prodigioso / Para evitar este mal contagioso.

A ostentação de ornatos da moda, escamoteando frequentemente a inóipia de efectivas possibilidades materiais por parte do sujeito que os exhibia, podia ainda ser e era, com grande facilidade, acusada de pretexto para «práticas usurpatórias dos sinais distintivos de grupos sociais superiores»¹¹. Mas, embora estamental, nem tudo na vida da sociedade de então estava juridicamente regulamentado

¹¹ Cf. SANTOS, Maria José Moutinho – *O Luxo e as Modas em Textos de Cordel da Segunda Metade do Séc. XVIII*. Art. cit., p. 142-144.

no respeitante à apresentação pública e tratamento «das pessoas honradas»¹², e esta preocupação com a moda em sectores de extracção burguesa e popular era afinal sintoma claro da sua apetência e possibilidades ascensionais na escala social, bem como das transformações incoadas ou em curso na sociedade lusa da segunda metade de Setecentos.

À hora da maresia, quando vinham «madamas de fastozo asseio / recrear-se dengosas a passeio» ao «cais grande» da Praça do Comércio, um «formidável chapéu e anquinhas» tornava-se motivo de sátira, porque alargando as «ilhargas» às «meninas delicadas», a moda tornava-se instrumento de uma outra tentativa de «fraude»: fazia gorda e anafada aquela que na cama era «magra e tísica», fazia no exterior francesa aquela que *«in totum era portuguesa»*. Os afectados *messieurs* que aí concorriam, «com cutelo à cinta», «crespo topete com polvilhos», «calções açafroados», «alagartadas meias» e sapatos de castor, com grandes fivelas, não podiam deixar de suscitar idêntica atitude escarvinha de um anónimo mofador.

Caminhando entre o «montão» destas «gentes ociosas», o autor regista uma acesa discussão entre «hum bando de tafues, com fraques verdes huns, outros azues», disputando sobre qual era a melhor companhia que representava na capital, a dos Condes ou a do Salitre.

Na pequena sátira tudo termina com uns cachações, grande bulha e a intervenção da força da guarda. Interrogados os principais dos desordeiros, vemos que um é recadeiro, sem ofício certo, e outro contratador de sardinhas. Ora o autor, ao tentar “desclassificar” os personagens, acaba por assim ilustrar, luminosamente, a realidade sociocultural da capital em suas novas formas de sociabilidade. A reaccionária receita para evitar *«assim de haver vadios, / madres e hydras de tantos desvarios»* é a do século precedente: prisão de tal gente para deles fazer soldados¹³. Mas estávamos em 1789, e já muita coisa era bem diferente, lá fora e dentro do Reino...

Esta coisa da infamação da gente nova, vestindo e usando – com prazer – abundante profusão de trajos e ademanos à moda, irritava naturalmente (como sempre) os visados, que retrucavam capitosamente, mofando dos modos «sebastianistas» e arcaicos de impertinentes moralistas com talhe ainda do transacto século de Seiscentos (nos tempos de hoje diríamos “*decimonónicos*”), presos a singelos e inestéticos modelos de patriótico casticismo. Os ataques à «perallice», correspondiam então a uma não menos hábil e truculenta defesa da mesma, tudo significando um verdadeiro confronto entre detractores e justificadores das vantagens e virtualidades da moda, sagazmente explorado

¹² Cf. v.g. *Tratado Jurídico das Pessoas Honradas escrito segundo a legislação vigente à morte d'Elrei D. João VI*. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista, 1851 (122 p.).

¹³ *Nova Satyra ao formidável chapeo e anquinhas que apparecerão no passeio do cais grande e a bulha que tiveram os apaixonados de ambos os Theatros*. Lisboa: Of. António Gomes, 1789.

pelos autores destes papéis.

Num outro interessante e anónimo folheto de cordel imagina-se uma carta de um filho a seu pai, em que aquele, confuso pelo título de «peralta» que o pai lhe dera em anterior missiva, lhe mostra que «o seu modo de viver e costumes em nada se conforma[v]am com os daqueles a quem nesta Corte se atribui[a] semelhante alcunha». É o pretexto azado para o autor distinguir certos jovens sensíveis à moda, mas ocupando-se com «probidade», «decência» e «honra», «utilmente, no serviço da República», como aquele filho, de uma outra forma de vida correspondente àquela alcunha, merecedora, essa sim, dos maiores reparos. «Aqueles que em outro tempo tiveram as denominações de *Casquilhos*, *Bandalhos*, e *Peralvilhos*» corresponderiam a uma imagem estereotipada, deteriorada pelo tempo: eram jovens venusinos e epicúreos, propondo-se «por única felicidade o passar o breve tempo da vida, que só deviam empregar ao serviço do Rei e da Pátria, em divertimentos, jogos, assembleias, teatros, praças, músicas» e ainda em templos, «não para a veneração daquele a quem são consagrados, mas para multiplicar os objectos do seu divertimento», buscando aí encontrar o favor das graças femininas.

Enfim, em 1771, na definição deste moralista autor, certamente com pleno aplauso da autoridade censória, ao contrário daquele jovem filho, tocado mas ainda não mudado pela moda, *peraltas* eram aqueles jovens que se passeavam nas ruas da cidade com um pequeno e «ridículo chapéu», sem as antigas e populares abas, e levando na copa, do lado do bico da frente, um «desmarcado» *botão*, penteado «*alagré* ou de poupa», rematando numa grossa e comprida trança, e peito inchado por um «lençol», enrodilhado no pescoço, em contraste com uma barriga, rigorosamente vazia, «conforme as regras da peraltice»... Com as ironias destas caricaturas azedas, sublinhava-se e escamoteava-se a generalização popular e burguesa de trajas até aí restritos às elites. A imagem moral dos *peraltas*, que pelos vistos colhia no público consumidor destes papéis, era quase sempre a de gente indevidamente ociosa, vivendo para as aparências, aqueles que faziam «profissão de viver sempre à custa do trabalho e fazenda alheia, por via dos repetidos calotes» em que se enredavam¹⁴.

O Portugal popular castiço atirava contra estes afrancesados da moda a sempre usada tecla da auto-exaltação de laboriosidade, tantas vezes o puro açulamento da inveja e do revanchismo social...

Em entremês intitulado *A receita de ser peralta* (Lisboa, 1787), abunda-se nos mesmos conceitos. Entre outros personagens, Fabrício e D. Policárpia, educando os filhos em princípios antagónicos, simbolizam as polémicas abertas

¹⁴ *Carta que escreveo hum filho a seu Pai, em reposta de outra em que lhe descreve o ridículo traje dos Peraltas*. Lisboa: Of. de Caetano Ferreira da Costa, 1771, Parte Primeira, p. 2.

pela moda.

O cómico de situação, de linguagem e de intriga favorece naturalmente Fabrício, que tem a última palavra no entremez, colhendo um fácil aplauso final.

Com aprovação da Real Mesa Censória, o género seguia, está bom de ver, a ordem e cultura socialmente dominantes. Esclarecedoramente, eis como tudo termina:

Fabrício: Minha Senhora tome o meu conselho, tudo o que he demasiado he vicioso. Nós fomos criados com estas portuguesadas, sempre vivemos e fomos estimados dos estrangeiros. Depois que se introduzirão estas francezias tudo está contaminado. Os pobres maridos e os pobres pais veem-se loucos com infeites para as mulheres e filhas, e isto de que serve?

D. Policárpia: Serve de fazer distinguir a gente bem criada da grosseira e mostrar o bom gosto moderno no vestir e no tocar.

Fabrício: Quanto a mim eu farei o que me dictar a razão e a experiencia [já à época supremos argumentos a invocar!] e fique V. mercê certa que sempre hei de seguir os passos dos Portuguezes que nos crearão, e amar os costumes sérios, decente[s], e [não] francezias afectadas¹⁵.

De uma forma mais sisuda, mas não menos espectacular na defesa da tradição portuguesa, os conceitos morais correntes sobre a moda expandem-se num outro folheto anónimo do ano seguinte, *Assembleia Curiosa e Observador Académico*.

Aqui, as modas, «úteis por alguns princípios», vistas como algo fazendo parte da inexorável natureza das preocupações sociais da humanidade, nem por isso deixam de ser vistas como prejudiciais por muitos outros princípios.

Segundo o autor, nos tempos presentes de Setecentos, a moda havia porventura mudado de natureza. Já não obedecia a previsíveis ciclos de cem anos, acelerara-se o ritmo das mudanças e, avassaladora, agora a moda tornara-se tirania, «tudo se sofre porque é moda», e os homens de moda, mais do que os homens de virtude, colhiam todo o aplauso social...

As conseqüências estariam à vista no alegado empobrecimento das próprias famílias de «oficiais mecânicos»: outrora constava das folhas de inventário organizadas pelo escrivão dos órfãos para partilhas que deixavam «púcaros de prata, cordões de ouro, cadeados de aljofares, memórias de ouro, roupa branca e muito poucos vestidos», agora não se encontrava um móvel digno de registo, «tudo eram capas de recortados, mantilletes, roupinhas, lenços do pescoço,

¹⁵ *Novo entremez intitulado A receita de ser Peralta ou de Casquilharia por força*. Lisboa, 1787, p. 16.

aventais, que posto no meio da casa hera huma feira da ladra»¹⁶.

O autor não se conformava com alguma alegada irracionalidade ruinosa nos critérios da moda.

Um exemplo cita particularmente interessante, porque testemunhando, por estas datas, no domínio da joalharia, o fascínio social do moderno, implicando grandes investimentos:

*Tenho visto mandar desmanchar ricos adereços de pescoço e orelhas, excelentes jóias e outras muitas peças, com a recomendação que se faça huma e outra cousa de mais aparato e de melhor gosto, porque o que se manda desmanchar já se não usa, com o que vem a ter dous prejuízos, que são os feitos que custaram os primeiros e os outros mais excessivos que custão os segundos*¹⁷.

Como vimos já, o sentimento nacional ocupa no discurso sobre a moda um particular papel. Não apenas, como é evidente, numa lógica de puro casticismo cultural, mas também – e sobretudo – de racionalidade económica.

A defesa do consumo preferencial de artigos das manufacturas nacionais era naturalmente comum nas “doutrinas” expandidas nestes folhetos e nas das obras dos eruditos dedicados à economia política, cujas prelecções divulgavam, e à luz das quais os preconceitos [«as preocupações»] nacionais sobre «a superioridade de uma nação estrangeira» se constituíam em «mãe fecunda de muitos males», sendo causa de «grande sentimento aos bons patriotas que se desprez[ass]em os artistas e obras do país, para se buscarem as dos outros a peso de oiro». Por este tempo, assim se expressava o ilustre académico e homem de ciência, Manuel Gomes de Lima Bezerra, outrossim lamentando que em vez desse «durável e precioso metal», se vissem «introduzir no Reino» «modistas» e «quinquilharias de nenhum valor e pouquíssima duração»¹⁸.

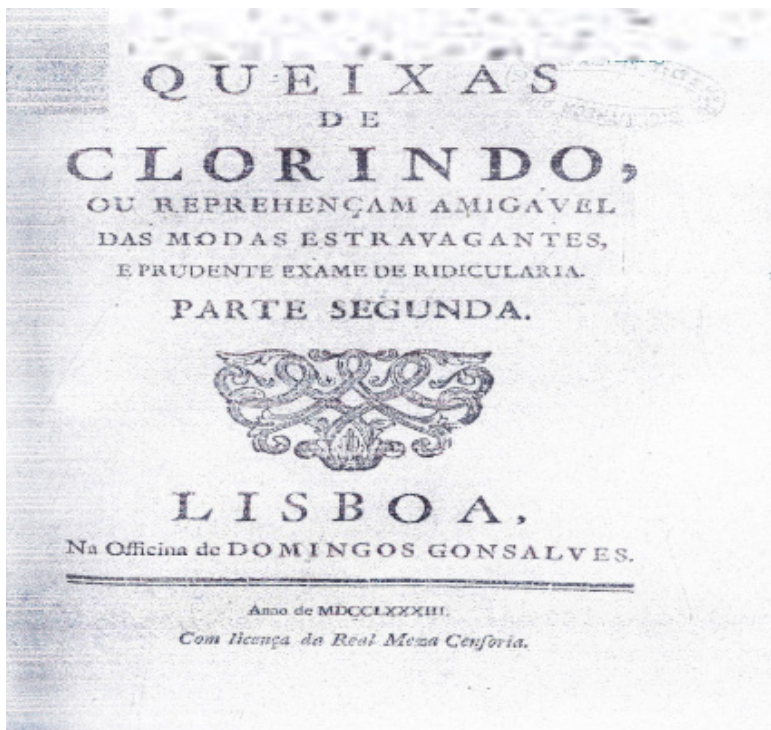
O frequente anúncio público e divulgação deste género temático de folhetos

¹⁶ *Assembleia Curiosa e Observador Academico, distribuída em folhetos para utilidade dos curiosos*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1788, p. 12.

¹⁷ *Assembleia Curiosa*, ob. cit., p. 4.

¹⁸ Cf. AMZALAK, Moses Bensabat – *Os Estudos Económicos de Manuel Gomes de Lima Bezerra*. Separata dos «Anais do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras». Lisboa. Vol. XXVIII (1959), p. 42. Sobre estas matérias e suas consequências na população cf. BEZERRA, Manuel Gomes de Lima – *Os Estrangeiros no Lima*. Coimbra: Real Of. da Universidade, 1785, tomo I, p. 41-73 e IDEM – *Os Estrangeiros no Lima*. Coimbra: Real Of. Da Universidade, 1791, tomo II, p. 97-104. Sobre esta específica questão, no vol. III da edição fac-similada de *Os Estrangeiros no Lima (Estudos sobre o autor e a obra)*. C. M. de Viana do Castelo, 1992, cf. NUNES, João Arriscado – *A População*, p. 50-54. Sobre a vida e obra de Lima Bezerra, cf. TAVARES, Pedro Vilas Boas – *Manuel Gomes de Lima Bezerra: o discurso ilustrado pela dignificação da cirurgia*. «Península. Revista de Estudos Ibéricos». Porto: Instituto de Estudos Ibéricos/FLUP. Vol. 5 (2008), p. 83-91, e IDEM – *Dr. Manuel Gomes de Lima Bezerra (1727-1806)*. In *Figuras Limianas*. Coordenação de João Gomes d’Abreu. Município de Ponte de Lima, 2008, p. 121-126.

pelos papelistas parece demonstrar um grande grau de consciência social, pelos contemporâneos, relativamente às consequências económicas da moda. Todavia, ao mesmo tempo, a verdade é que essa consciência doutrinária se acompanha de uma inconfessada mas patente sensação de total impotência para inverter as leis sociológicas de irradiação dos ditames da moda.



No reinado de D. Maria abundam as «queixas» e «repreensões amigáveis» das «modas extravagantes». O que é «extravagante» é agora, acima de tudo, o «excesso», definido subjectivamente pelo autor dos folhetos, ainda que apelando reiteradamente para argumentos de racionalidade:

*«Não hei de sustentar impertinente, / Que não deve em vestir andar decente / Hum moço cortezão, mas de maneira, / Que não dispenda huma manhã inteira / Em se toucar, e pôr em grande asseio, / Por quanto da razão he muito alheio»*¹⁹. Mas, *significativo sinal dos tempos, intrromete-se agora um outro*

¹⁹ *Queixas de Clorindo ou repreheçam amigável das modas estravagantes, e prudente exame de ridicularia.*

argumento, não menos ponderoso, o da superioridade da beleza natural sobre a beleza estudada: «Nisto dizer não quero que as senhoras / Se não adornem bem, mas gastar horas / Em se fazerem feias por estudo, / Faz pasmear um juízo que he sizudo / Ficará menos bella a Camponeza, / Ainda que vestida com pobreza, / Que o Ceo enriqueceo de formosura, / Só por não remontar a tanta altura / Com estulto disvêllo, e com cuidado, / O seu louro cabelo ao ar lançado?»²⁰.

Ainda assim, uma ideia já de antes barrocammente encarecida relativamente à moda nos «enfeites» femininos:

Humas gostão de trança cahida, outras enrolada á roda da cabeça, outras de cabello curto, outras de muitos sinaes, outras de poucos, outras de um só, junto ao canto da boca, outras de nenhum sinal, mais que daquelles que a natureza lhes concedeo. Outras uzão de garavata trocida, outras della larga e cahida, como avental. Outras gostão de espartilho muito justo, outras não querem usar de espartilho, senão de roupinhas. Outras uzão de saya fechada, outras de saya aberta. Outras uzão de flores no cabelo, outras no peito. Outras uzão de còr, outras não. Outras gostão de polvilhos, outras de poucos, outras de nenhuns. Outras gostão de trazer muito ouro, e muitos aneis de diamantes e de varias pedras preciosas, não sendo preciso, para melhor adorno de huma guapa França, mais que o diamante da sua gentileza, que a esmeralda da sua esperança, que os rubis das suas faces, e que a flor da sua formuzura²¹.

No anterior texto, em sucessivas «queixas», Clorindo continua a caricaturar o afã com que os seus contemporâneos, particularmente de condição popular, se abandonam entusiasticamente à novidade das modas. Topicamente, comparam-se «os costumes de agora e os de outrora», os luxos presentes e as alegadas austeridades do passado. Os «antigos e valorosos portugueses», Albuquerque, os Castros, os Pachecos e os Almeidas são invocados: «*Ergeui vossos honrados esqueletos, / E vinde repreender a vossos netos; / O templo lhe mostrai da imortal gloria, / Do qual perderam já toda a memoria*»²².

Num registo também decadentista, o autor invectiva o luxo e a insensatez portuguesa, de tal modo que, ao ler o seu folheto, ninguém suporia que, justamente, por aqueles anos do reinado de D. Maria, o Reino atingia um

Lisboa: Domingos Gonçalves, 1783, p. 8.

²⁰ *Queixas de Clorindo ou reprehençam amigável das modas extravagantes*. Lisboa: Domingos Gonçalves, 1782, p. 12.

²¹ *Relação da Condição das Mulheres, com varias inclinaçoens, génios e costumes, e com a moda dos seus enfeites*. Lisboa: Of. de ***, s/d., p. 6-7.

²² *Queixas de Clorindo ou reprehençam amigável das modas extravagantes*. Ob. cit., p. 2.

dos seus mais altos momentos de prosperidade produtiva e mercantil²³. As doutrinas de um retardatário mercantilismo continuavam em voga neste género de publicações e na «opinião pública» que as consumia. Por isso, culpa-se o luxo, «causador do eterno damno / Do riquíssimo Imperio Lusitano».

Os engenhosos, discretos e valentíssimos ingleses (o louvor é proporcional ao patriótico ressentimento de dano, real ou suposto), «à custa de peraltas e patetas», e há muito mantendo uma dura e renhida guerra de concorrência com França, Espanha, Holanda e Estados Unidos, «*Por velvutes pintados, fustoens, chitas, / E mais quinquilharias infinitas, / Pistolinhas de bronze prateadas, / E fivelas de estanho bem lançadas, / Levam quanto ouro lá se desenterra / Do famoso Brasil, na rica terra. / Sabem que em Portugal há louca gente, / Que o luxo reina agora, o que he patente, / Carregam seus Paquetes, e vem logo / Com dez mil bugigangas fazer jogo; / E lhe corre o dinheiro como hum rio, / E nisto Portugal fica vazio / (...)*». Debalde para atalhar «desta corrente os diques», actuavam os «vigilantíssimos Maniques»²⁴. As lições de Platão sobre a educação da juventude, o exemplo da Rainha e do «seu prudentíssimo governo»²⁵... pareciam ineficazes perante tão grandes mudanças, «tanta loucura» e crescimento de «maldades».

O efeminamento dos homens («horror tamanho da natureza e da razão estranho!»), aparecia como o acúmen dessas lamentáveis transformações²⁶. Pois coisas havia que se toleravam a uma donzela, mas que eram execrandas num varão que da sua varonia se prezasse, como morder os lábios «para o fim / de lhes fazer tomar côr de rubim» ou aplicar rouge nas suas faces... Viviam de efemeridades todos estes «aboncados» «homens da moda» da «época da viradeira», mas pior ainda, de acordo com as tendências da moda, os varões pareciam efeminar-se e as mulheres masculinizar-se²⁷. Tudo deplorável, uma vez que sempre invariavelmente se coligia «*da lição da humana história, / Que no famoso templo da memoria, / Nenhum Heróe se conta[va] esclarecido, / Só por andar peralta e bem vestido*»²⁸...

Apenas reaccionarismo “fanático” de efeito fácil? A polémica sobre a moda,

²³ Reportando-se a dados constantes de estudos anteriores de Jorge Borges de Macedo, cf. v.g. o insuspeitíssimo SILBERT, Albert – *Do Portugal de Antigo Regime ao Portugal Oitocentista*. Lisboa: Horizonte, 1972, p. 43-47.

²⁴ *Queixas de Clorindo ou reprehençam amigável das modas extravagantes*. Lisboa: Domingos Gonçalves, 1782, p. 10.

²⁵ *Queixas de Clorindo ou reprehençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia*. Lisboa: Domingos Gonçalves, 1783, p. 24.

²⁶ Sobre o afeminamento de moda nos jovens «casquilhos» vide pormenores em MOURA, Isabel Cristina Silva da Costa – *Moda em Cordel*. Ob. cit., p. 51-52.

²⁷ Cf. NORTON, Marta Pinhal Neves Salazar – *Espelho de Vaidades: O Peralta e a Moda na Literatura de Cordel Portuguesa (1781-1789)*. Ob. cit., p. 77. Com franco proveito, veja-se nesta criteriosa e interessante obra o esclarecimento das partes dos vestuários masculino e feminino coevos (cf. p. 80-151).

²⁸ *Queixas de Clorindo ou reprehençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia*. Lisboa: Domingos Gonçalves, 1783, p. 12.

entrando no foro moral, excitava o instinto satírico e a ironia dos autores, quer eles fossem anónimos folhetistas quer poetas eruditos de superior coturno social, como o Abade de Jazente, que assim “respondia” a algumas correntes “objecções”:

Diz uma austera Dama que se acende / O peito mais modesto em qualquer dança, / Porque a mão que se dá numa mudança / Nas algemas cruéis de Amor se prende. / Diz que arrisca o pudor toda a que aprende / A língua, o trato, e o mais que vem de França; / Que o jogo é mau, que uma assembleia cansa, / Que o mundo fala, e o pundonor se ofende. / Assim diz; mas enfim aos seus temores / Lhe respondem concertados, / Que deixe esses fanáticos rigores; / Porque ao menos são gostos mais honrados / Escutar claramente alguns Senhores, / Do que ouvir em segredo alguns Criados.

Portugal mudara. Irremissivelmente. Num outro soneto irónico, mais do que saudade de um país perdido, exprime-se a sátira ao estado de gozosa inconsciência com que vivia a coeva sociedade portuguesa:

Portugal, que era rústico algum dia, / Incivil, trapalhão, mal amanhado, / Está (graças à França) tão mudado, / Que o mesmo já não é, quem ser soía. / A língua, o traje, o trato, a grossaria / Dos antigos costumes tem deixado: / É todo doce, é todo concertado; / E parece outro sua Senhoria. / Conversa, joga, dança; e o novo enleio, / Que entre os dous sexos logra, é tão decente / Que à sátira mordaz tem posto um freio. / Vive agora um marido mais contente; / Um Pai sem susto; e todos sem receio: / Ditosa condição! Ditosa gente.²⁹

3. As objecções morais implícitas e explícitas em numerosíssimas sátiras centravam-se frequentemente – como é natural – na defesa da «virtude» e da pudicícia femininas.

Grande parte dos moralistas, pelo menos os não rigoristas (nomeadamente de extracção jesuítica), não via – à partida – na beleza e graças do corpo feminino, sublinhadas pela moda, um especial estorvo à virtude, enfatizando todavia a sua efemeridade, e a finalidade do seu uso recto, racional e moderado. É o que se patenteia na sátira social do teólogo moralista de Seiscentos, autor da *Arte de Furtar*³⁰, obra impressa e muito apreciada em Setecentos, projectando conceitos correntes na época da sua escrita e no seio das apreciações morais do reformismo

²⁹ JAZENTE, Abade de – *Poesias*. Texto integral da 1.ª edição, com um ensaio de TAMEN, Miguel. Lisboa: INCM, 1985, p. 47 e 113.

³⁰ Cf. COSTA, Manuel da – *Arte de Furtar*. Edição crítica de BISMUT, Roger. Lisboa: INCM, Cap. LXX, p. 370-376.

católico pós-tridentino³¹.

O celeberrimo moralista jesuíta de Seiscentos Herman Busembau, traduzido e divulgado no século XVIII, antes da tempestade jesuitófoba da época pombalina, acautelava que quando a mulher, usando «ornato conveniente ao seu estado», «provavelmente» conhecesse que havia de ser ocasião para que alguém «em particular» pecasse mortalmente, então estaria obrigada «por algum breve tempo» a deixar o ornato ou a furtar-se a ser vista por esse alguém. E esclarece-se que por «breve» tempo, «porque por largo seria demasiadamente pezada a obrigação». Ao contrário das ignorantes estultícias que com frequência vemos escritas, vale a pena reter como a tradição do ensino da moral católica, mesmo fugindo ao perigo de opiniões laxistas, pontificiamente reprovadas (papas Alexandre VII e Inocêncio XI) e aos furores rigoristas, foi compreensivamente acolhendo as necessidades práticas das novas formas de sociabilidade, preservando os princípios:

Se huma mulher imagina que alguns (não em particular se não em geral) hão de receber escândalo de a ver, com tanto que não entenda nelles lascívia nem tome nella complacência (ainda que a tome em que a louvem de fermosa), não parece que tem obrigação de culpa grave de deixar aquelle adorno, ainda que seja supérfluo, v.g. de enfeitar o rosto, nem ainda de trazer descobertos os peitos, se está em uso, se já não he que a desnudez ou adorno fosse de si muy deshonesto e directamente provocasse à lascívia. A razão he porque então mais se toma do que se dá o escândalo; e aquelle adorno e fermosura não provoca senão remotamente a pecado. E também porque seria cousa muy pezada para as mulheres, e mais para as que tratam de buscar marido, haverem-se de abster perpetuamente daquelle ornato, por ser aquella ocasião universal e perpetua. Nem às de melhor parecer seria alguma vez lícito sabir jamais em publico, por ser de maior danno a fermosura natural que a artificial³².

A mesma atitude se vê relativamente aos bailes, que desde que se não fizessem «com mau fim», não seriam «de si maos nem actos de lascívia, se não de alegria»³³, uma largueza de vistas que não tardaria a esbarrar com o rigorismo jansenizante em cujas águas navegaram importantes personalidades da Ilustração ibérica³⁴.

³¹ Cf. ÉMERY, Bernard – *Littérature, morale et politique dans la Arte de Furtar*. «Arquivos do Centro Cultural Português». Paris: Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. XIV (1979).

³² BUSEMBAU, Herman (S. J.) – *Medulla da Theologia Moral*. Tradução do latim de SOUSA, Manuel Pereira de, «novamente emendada nesta quinquagesima impressão». Lisboa Oriental: Of. Augustiniana, 1731, p. 72.

³³ BUSEMBAU, Herman (S. J.) – *Medulla da Theologia Moral*. Ob. cit., p. 174.

³⁴ Cf. MESTRE, António – *Ilustración y reforma de la Iglesia. Pensamiento político-religioso de D. Gregorio Mayans y Siscar (1699-1781)*. Valência, 1968, p. 411-422.

A questão dos decotes femininos há muito entrara neste tipo de preocupações, mas a moda generalizara o problema, a partir de núcleos sociais e estamentais restritos. Na sua afortunada e reeditada *Prática do Confessionário*, obra também seiscentista mas largamente usada em Setecentos, já o missionário capuchinho espanhol Jaime Corella se debatera com a necessidade de conter esta tendência expansiva, a seu ver «matéria de tão grandes conseqüências» e de cada vez se fazia menos «escrúpulo», pelo que, segundo o seu tratado, «importava muitíssimo» estivesse o confessor «advertido de reprehender y afeiar sumamente a las profanas mugeres el exceso de sus escotes», com que escandalizavam o mundo, e que eram, nas suas palavras «laços del demonio» e «redes de la lascivia»³⁵. Combate perdido, como todos sabemos: os decotes exibiam-se cada vez mais generalizadamente, mesmo se contidos no casto limite de «meio peito» e velados por um «fino véu». E coevamente não faltavam mesmo conselhos para aumentar o volume destas graças, com oportunas almofadinhas³⁶.

O gosto neoclássico e o traje «império» trariam novas formas de requinte e menos roupa à mulher, agravando as discussões e polémicas sobre os oustios da moda e seu afrancesamento avassalador. Como já se escreveu, isto deu «azo a grandes invectivas da moda por parte de missionários do interior, párocos e bispos»³⁷.

O caso mais interessante será talvez o do Bispo do Porto, D. António de S. José de Castro. Admitindo a frouxidão com que, durante a ocupação do Porto e do país pelos franceses, tinha tolerado os abusos da moda, agora, depois de consumada a «restauração nacional», em *Carta Pastoral de 27 de Setembro de 1808* lança uma veemente invectiva contra os costumes sociais e a moralidade pública, sobretudo contra «a profanidade de modas ridículas e indecentes», neste domínio exortando as pessoas do sexo feminino «a que andem vestidas» e «que se abstenham de roupas transparentes», outrossim suplicando aos pais que não colaborem na «perda da honra e do decoro» das filhas. Todavia nada a estranhar: nesta denúncia das *toilettes lacónicas* por parte do fogoso antístite, criado nos rigores da cartuxa, vemos, além de oportunidade de execração à francesia, repercutir afinal o rigorismo geralmente professado pelos eclesiásticos do regalismo ilustrado de finais de antigo regime³⁸. Nunca é demais insistir: como quase sempre nestas matérias (e à falta de indicações minimamente

³⁵ CORELLA, Jayme (O.F.M. Cap.) – *Practica de el Confessionario*. 16.ª edição. Coimbra: João Antunes, 1721, p. 52.

³⁶ Cf. SANTOS, Maria José Moutinho – *O Luxo e as Modas em Textos de Cordel da Segunda Metade do Séc. XVIII*. Art. cit., p. 160; MOURA, Isabel Cristina Silva da Costa – *Moda em Cordel*. Ob. cit., p. 56-57.

³⁷ MOURA, Isabel Cristina Silva da Costa – *Moda em Cordel*. Ob. cit., p. 31.

³⁸ TAVARES, Pedro Vilas Boas – *D. António de S. José de Castro: dever e fidelidade nas e para além das circunstâncias*. In *O Porto e as Invasões Francesas (1809-2009)*. Porto: Ed. «Público» / CMP, 2009, vol. IV, p. 61.



Popularização da moda «Império». Leque de inícios do séc. XIX. Col. particular.

fidedignas), é de crer que as ovelhas do seu rebanho tenham revelado orelhas moucas...

4. Não ficou – naturalmente – esquecida na citada e recente *Moda em Cordel* a evocação de atitudes de defesa da moda por parte dos autores dos folhetos nela estudados.

Vale a pena, ainda assim, regressar a dois significativos textos, de citação obrigatória, representando afinal o reconhecimento do triunfo efectivo dos novos padrões estéticos de exteriorização e comunicação dos indivíduos de ambos os sexos na sociedade portuguesa da segunda metade do século XVIII: a *Satyrta em Louvor das Modas ou Escudo de Perallice* (Lisboa, Of. de Simão Tadeu Ferreira, 1783), e a *Graciosa e divertida farça ou o novo entremez intitulado A Defesa das Madamas, a favor das suas modas, em que deixão convencida a Paraltisse dos Homens* (Lisboa, Of. de António Gomes, 1792).

No primeiro, se se deplora a “desordem” e indistinção social das modas adoptadas pelos jovens, reconhece-se também a sua acessoriedade ou indiferença moral, mas, sobretudo, que já nada há a fazer: « (...) *Filo fora belo / Que dos humanos fosse outro o desvelo / Que cada hum á proporção dos teres / vestisse os seus filhinhos e mulheres; / Que, segundo as pessoas, fosse o estado; / Mas se o Mundo de acordo está mudado, / Que lhe havemos de fazer? Deixa-o campar*». Todavia, apesar deste discurso sempre conservador, reconhece-se agora a dinamização económica provocada pela moda, pela circulação do dinheiro e até pelas vantagens para o estado da incorporação nas matérias-primas importadas de algum trabalho nacional, de acordo com conceitos coevos de economia política³⁹:

³⁹ Cf. BEZERRA, Manuel Gomes de Lima – *Os Estrangeiros no Lima*. Ed. cit., tomo I, Diálogo 2.º, p. 48-49.

Eu a moda defendo: que o dinheiro / Assim corre; desfruta o sapateiro, / O alfayate, lucra o mercador, / O serigueiro, o sujo penteador, / Os géneros se extraem, e na verdade / nisto consiste hum bem da sociedade. / Gaste e torne a gastar no seu asseio / O flamante Peralta, mas no meio / Da sua peraltice não se esqueça, / Que a vida acaba apenas que começa: / Desvelado o Rei sirva, ame a Nação / E traga seda a montes de Verão, / precioso veludo pelo Inverno, / Mas lembre-se da morte, adore o Eterno; / Porque pôr sobre si novo atavio, / Não he contra a virtude, a honra, e brio / Cousas só que hum mortal deve buscar: / Obre-se assim, e ralhe quem ralhar⁴⁰.

No segundo texto, o “casamento” das filhas do velho Teobaldo com os seus elegantes antagonistas (com a significativa designação de *Petimetre* e *Franchinote*), é forma algo simplória de ilustrar o completo triunfo da moda francesa entre nós em fins de século. Em época de discursos apologeticos da condição feminina⁴¹, as *Madamas* viam aqui «defendidos» os seus «enfeites» contra «temíveis sátiras», sendo que, de então em diante, supostamente deveriam confessar os «mordazes críticos» que «o belo sexo» era merecedor duma «compaixão» especial, não ao alcance dos varões peraltas, afectados e cheios de «ridículas invenções», como tal «muito mais dignos de crítica, credores de castigo e merecedores de reforma»⁴². Com a “descoberta” e valorização da “guerra dos sexos”, o autor (por certo sem qualquer sacrifício do seu amor próprio) tinha posto a nu um filão rendoso, que novos papéis poderiam explorar...

⁴⁰ BEZERRA, Manuel Gomes de Lima – *Os Estrangeiros no Lima*. Ed. cit., tomo I, p. 13 e 14.

⁴¹ Vide RUIZ, Betina dos Santos – *A Retórica da Mulher em polémicas de Folhetos de Cordel do Século XVIII*. Porto: FLUP, 2009. Dissertação de mestrado.

⁴² RUIZ, Betina dos Santos – *A Retórica da Mulher em polémicas de Folhetos de Cordel do Século XVIII*. Ob. cit., p. 13 e 14.